

Tradições arqueológicas ceramistas de dois povos jê: kayapó meridional e kaingang da região centro-norte de São Paulo

Márcia Angelina Alves*

ALVES, M.A. Tradições arqueológicas ceramistas de dois povos jê: kayapó meridional e kaingang da região centro-norte de São Paulo. *R. Museu Arq. Etn.* 31: 1-21, 2018.

Resumo: Este artigo aborda a questão da homogeneização cultural das tradições ceramistas Aratu-Sapucaí e da Neobrasileira relacionada à variabilidade de enterramentos, formas e de decoração incisa em vasilhames cerâmicos diante de contextos arqueológicos evidenciados por projetos acadêmicos em regiões ocupadas por povos do tronco linguístico Macro-Jê: Kayapó meridional no extremo Oeste de Minas Gerais, e Kaingang, na região Centro-Norte de São Paulo.

Palavras-chave: Tradição Aratu-Sapucaí; Tradição Neobrasileira; Kayapó meridional; Kaingang; Fronteira cultural.

Pesquisas intensivas de campo

Pesquisas arqueológicas desenvolvidas no âmbito dos projetos acadêmicos Quebra-Anzol/MG e Turvo/SP, coordenados por Alves (2009) no extremo Oeste de Minas Gerais desde 1980 e na região Centro-Norte de São Paulo a partir de 1992, identificaram, mapearam, prospectaram e escavaram assentamentos a céu aberto depositados a meia encosta de vertentes em “interflúvios”, correspondentes a ocupações de povos do tronco linguístico Macro Jê: Kayapó Meridional (ou do Sul), no Vale do Paranaíba, margem mineira, próximos a cursos d’água do rio Quebra Anzol e Kaingang, nos vales dos rios Turvo e Onça (Giraldin 1997; Neme 1968; Lourenço 2005; Borelli 1983, 1984; Ravagnani 1987;

Mano 2006; Mori 2015; Rasteiro 2015; Alves 2009, 2013a).

Em mais de três décadas, a equipe do projeto Quebra Anzol pesquisou sítios localizados em terrenos dos municípios de Perdizes (em sua maioria), Guimarânia, Centralina, Indianópolis e Pedrinópolis. Prospectou os sítios Antinha (Perdizes) e Pires de Almeida (Indianópolis) e escavou os sítios Prado, Inhazinha (Zona 1), Menezes, Rodrigues Furtado (Perdizes), Rezende (Centralina) e Santa Luzia (Pedrinópolis), estando ainda em processo de escavação a zona 2 do Sítio Inhazinha e o Sítio Santa Luzia (Fig. 1) (Alves 2013a, 2013b, 2016), cujos vestígios cerâmicos e líticos foram analisados nos seguintes estudos acadêmicos (Alves 1982, 1988; Fagundes 2004a, 2004b, 2005, 2006; Medeiros 2007; Figueiredo 2008; Magalhães 2015).

* Professora associada, doutora e livre docente em Arqueologia Brasileira, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. <alvesma@usp.br>



Fig. 1. Área de abrangência do projeto Quebra Anzol/MG.

Nos anos de 1994 e 1995 foi escavado (em três campanhas) o Sítio ATM-691, no município de Tupaciguara (localizado na região de abrangência do projeto Quebra Anzol) por Maria Cristina Mineiro Scatamacchia e por Márcia Angelina Alves, em um projeto de salvamento arqueológico financiado pela Petrobrás, assentamento depositado na linha de construção do poliduto Replam/Paulínia/Brasília (Alves 1994b, 1995a, 1995b; Scatamacchia 1996).

As indústrias líticas do ATM 691 estão sendo analisadas em uma dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) (Barros 2016).

Nas escavações realizadas nos assentamentos acima elencados os perfis estratigráficos executados indicaram a ocorrência de um único estrato, o lito-cerâmico. Assim, os sítios Prado, Menezes, Rodrigues Furtado, Silva Serrote e Santa Luzia foram configurados como “unicomponenciais”.

Entretanto, os sítios Rezende, ATM-691 e o Inhazinha têm estratigrafia complexa: o primeiro, com vários estratos líticos em duas

extensas zonas de escavação, correspondentes a ocupações temporárias de caçadores-coletores, mas com estrato superior de ocupações de agricultores-ceramistas (Alves 2002a, 2002b, 2013a, 2013b); o segundo, constituído por três estratos somente de ocupações de caçadores-coletores; e o terceiro, o Inhazinha, na zona 1 tem só a ocupação lito-cerâmica pré-colonial e, na zona 2 tem ocupações ceramistas, do período histórico (séculos XVIII e XIX), assim, os três assentamentos foram classificados como “multicomponenciais”.

As pesquisas empíricas de campo desenvolvidas pelos projetos Quebra Anzol/MG e Turvo/SP nas regiões do Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e no município de Monte Alto/SP, realizadas vertical e horizontalmente, centraram-se no método de Superfícies Amplas baseado nos conceitos de Totalidade Social e de abordagem sistêmica de Mauss (1950) – com a aplicação da Técnica de Decapagem por Níveis Naturais de Leroi-Gourhan (1943, 1945, 1950), adaptado ao solo tropical do Brasil por Pallestrini (1975).

O emprego deste método de escavação possibilitou a detecção da estratigrafia dos assentamentos, das aldeias constituídas

por manchas escuras circulares (ou elípticas), resultantes da decomposição das habitações indígenas (ocas) distribuídas de forma semi-circular com um pátio interno, fogueiras internas e externas às estruturas habitacionais, área de lascamento, sepultamentos primários, vestígios cerâmicos (fragmentados e inteiros), líticos lascados e polidos (poucos) e urnas-silo (Alves 1982, 1983, 1988, 1992, 2009, 2013a).

Os dados interpretados dos estudos acadêmicos desenvolvidos nas culturas materiais cerâmicas e líticas associados aos padrões de assentamento, as datações absolutas processadas por C14 e tradições lito-cerâmicas (TL), no Brasil, França e EUA, a área arqueológica do Vale do Paranaíba/MG inserem-se em sua maioria na tradição Aratu-Sapucai (Alves 2009, 2013a).

As datações para as ocupações de caçadores-coletores do Rezende vão de 7.300A.P. (Centro de Energia Nuclear na Agricultura da USP - Cena-USP), a 4.250A.P. (Gif-sur-Yvette) e a

3.680A.P. (Cena-USP) e, para ATM-691, vão de 3.240A.P. (Cena-USP) a 2.920A.P. (Cena-USP) (Alves 1992, 2013a, 1996; Scatamacchia 1996), todas as datações foram processadas por C14.

As datações para as ocupações ceramistas pré-coloniais são de 1.100A.P. para o Rezende e 400A.P. para o Sítio Prado (Alves 1992, 2013a), processadas por TL e para a ocupação lito-cerâmica da zona 1 do Sítio Inhazinha é de 1.095 ± 186 anos A.P. (TL-Cena-USP) (Alves 2006, 2013a).

As ocupações ceramistas históricas da zona 2 do Sítio Inhazinha são de 212A.P. (C14-Cena/USP), 190A.P. (C14-Beta/EUA) e 150A.P.(C14-Beta/EUA) (Magalhães 2015).

Em fins de 1992 foram realizadas prospecções no município de Monte Alto/SP, a convite do diretor do Museu Municipal de Paleontologia, nas quais foram identificados três sítios a céu aberto depositados em relevo de vertentes, denominados de Água Limpa, Anhumas I e Anhumas II (Fig. 2).



Fig. 2. Área de pesquisa do projeto Turvo/SP.

Alves decidiu escavar o primeiro devido à ocorrência de inúmeros vestígios cerâmicos faunísticos na superfície, fato que levou a arqueóloga a elaborar um outro (o segundo) projeto acadêmico denominado Turvo, cuja

nascente do rio homônimo localiza-se no perímetro urbano da cidade.

Em 1993, foi realizada a primeira campanha de pesquisa de campo no Sítio Água Limpa, 7 km distante da sede municipal,

a qual delimitou o assentamento – de grandes dimensões – dividindo-o em três zonas de escavação, detectou a estratigrafia, “unicomponencial”, identificou e decapou duas estruturas habitacionais (Manchas 1 e 2), com a ocorrência de muita cerâmica, poucos líticos, muitos restos faunísticos e malacológicos, além da execução de trincheiras em leque, que detectaram fogueiras externas e uma interna às habitações, uma área de sepultamentos primários de indivíduos adultos, enterrados diretamente na terra, com e sem acompanhamentos funerários (uma necrópole), na zona 1, com a exumação de oito esqueletos coordenada por Filomena Crâncio (Museu Nacional) e de um sepultamento secundário de um indivíduo adulto, depositado dentro de uma urna esférica, com a tampa colocada ao lado do enterramento.

No ano seguinte, a área de sepultamentos primários – depositada no perímetro da aldeia indígena, mas fora das habitações –, foi reaberta; nela foram evidenciados e exumados por Luciana Pallestrini e equipe mais dois sepultamentos, estando um com acompanhamento funerário, além da execução de extensas trincheiras em leque na zona 2, as quais evidenciaram fogueiras internas, uma extensa mancha escura e profunda, semirretangular (padrão inédito) denominada M1, mais uma pequena mancha escura e rasa denominada M2, um sepultamento secundário de um indivíduo jovem, depositado também dentro de uma urna esférica sem tampa, coleta de inúmeros vestígios cerâmicos e faunísticos, de poucas peças líticas e da comprovação da estratigrafia do assentamento constituído pelo estrato lito-cerâmico (Alves 1993, 1994a, 2006, 2014).

Em 1995, 1996 e 2000 foram realizadas pesquisas de campo na zona 2, do sítio Água Limpa, que reafirmaram a estratigrafia lito-cerâmica e indicaram a extensão da grande mancha habitacional com 42 metros de comprimento e de 15/20 cm a 100 cm de profundidade, pelo perfil estratigráfico, com a ocorrência de cerâmicas, líticos e restos faunísticos e malacológicos; também foram executadas três sondagens (Alves 1995a, 1996, 2000, 2006; Bélo 2007).

Os 10 esqueletos foram encaminhados ao Instituto de Arqueologia Brasileira, no Rio de Janeiro, e foram analisados por Lília Maria Cheuiche Machado, com interpretações da existência de ritos funerários de acordo com o sexo e a idade do morto (Alves & Cheuiche Machado 1995, 1996; Alves 2003).

De 1993 a 2006 foram coletados nas zonas 1 e 2 de pesquisa do sítio Água Limpa inúmeros vestígios faunísticos e malacológicos que foram analisados por Myriam Elizabeth Velloso Calleffo, do Instituto Butantan, os quais resultaram na identificação taxonômica das conchas, répteis, mamíferos e em menor escala, peixes; e na reconstituição das atividades sociais de coleta, caça e pesca (Alves & Calleffo 1996, 2000; Calleffo 1999a, 1999b; Calleffo & Bizerra 1996).

Foram processadas 20 datações por TL em amostras cerâmicas do Sítio Água Limpa; as datas mais antigas estão na zona 1: 1524A.P. (Fogueira 1 – junto do perfil estratigráfico) a 1045A.P. (Fogueira 2 – Trincheira 1); as datações extremas da grande mancha escura (hiperestrutura habitacional) estão entre 720A.P. (Fogueira 2) (Fatec/SP) a 410A.P. (Fatec/SP) (Trincheira 6) e as mais recentes – período histórico das entradas e bandeiras são as da Fogueira 5-Trincheira 6, de 375A.P. (Fatec/SP) a da Mancha 2, datada em 335A.P. (Fatec/SP) (Alves 2004).

Os estudos acadêmicos efetuados nos conjuntos cerâmicos e líticos do sítio Água Limpa, colocaram-no na Tradição Aratu-Sapucaí, com ressalvas, devido ao “ineditismo” dos “padrões funerários” dos “enterramentos primários” e a “ausência” da morfologia “perifórmica” nos vasilhames cerâmicos e à “estrutura singular” da grande estrutura habitacional da zona 2 (Fernandes 2001a, 2001b, 2003; Bélo 2007; Alves 2009, 2013a).

Taxonomia arqueológica

Os conceitos de “tradição”, “fase” e “horizonte” arqueológicos foram elaborados por Phillip Phillips & Gordon Willey (1953) definidos em níveis de “espaço” e “tempo” da persistência de elementos tecnológicos

com finalidade de estabelecer taxonomias, ou seja, classificações taxonômicas das culturas pré-históricas do continente americano, sem preocupação de vinculá-las às culturas indígenas. Assim, temos as seguintes definições, segundo Chmyz (1966, 1976) para:

- Tradição: “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal” (Chmyz 1966: 20);
- Fase: “qualquer complexo de cerâmica lítica, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios” (Chmyz 1966: 14);
- Horizonte: “conjunto de tradições que ocupam o mesmo núcleo temporal relativo em sequências arqueológicas, que se apresentam em várias áreas geográficas” (Chmyz 1966: 14); “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem espacialmente, em tempo relativamente curto” (Chmyz 1976: 132).

Estes conceitos estruturam-se no “paradigma histórico culturalista”, o qual fundamentou as pesquisas arqueológicas praticamente nas três Américas, sob a vertente Processualista.

O embasamento teórico da escola de Arqueologia do Smithsonian centra-se no neoevolucionismo, na ecologia cultural, no desenvolvimento multilinear da evolução cultural de Steward, no funcionalismo de Malinowski e no neopositivismo de Binford, a qual estabeleceu um modelo hipotético de ocupações pré-históricas em quatro áreas culturais para a América do Sul, ou seja:

- Tribos marginais (Cone Sul, Chaco e Brasil central);
- Tribos da floresta tropical (Amazônia, costa do Brasil, Guianas e Andes meridionais);
- Povos do circum-caribe (área intermediária: Caribe e Andes Setentrionais);
- Povos andinos (área nuclear: Andes Centrais) (Steward 1946).

Esta escola concebe a Arqueologia da América do Sul resultante da oposição entre Terras Altas e Terras Baixas, sendo a primeira portadora de culturas complexas.

No Brasil, esta corrente de Arqueologia foi aplicada pelo casal norte-americano Clifford Evans e Betty Meggers, alunos/discípulos de Julian Steward, do Smithsonian Institution dos EUA, a partir do final dos anos 1940 do século XX, após o casamento em 1948 eles viajaram para a Amazônia brasileira – Ilha do Marajó, onde Meggers estudou coleções de cerâmicas amazônicas e desenvolveu pesquisas extensas de campo surveys na perspectiva da “dicotomia várzea e terra firme, na ótica de que o ambiente foi fator limitante ao desenvolvimento cultural da Amazônia” (Meggers 1954 apud Gomes 2002: 53).

Em decorrência dos estudos classificatórios das cerâmicas Marajoara e Tapajônica (e/ou Santarém), aplicando o método quantitativo de James Ford (1962) associados à concepção da limitação do ambiente amazônico sobre a evolução cultural, Meggers estabeleceu quatro tradições ceramistas para a Amazônia:

- Policroma;
- Borda Incisa;
- Incisa Ponteada;
- Hachurada Zonada.

No ano de 1964, de 5 a 29 outubro, Meggers e Evans (a convite do professor José Loureiro Fernandes (na época, ele era diretor do Centro de Ensino e Pesquisas em Arqueologia), coordenaram um seminário sobre Arqueologia, na Universidade Federal do Paraná.

Este seminário foi realizado em Curitiba e Paranaguá com verbas da Fulbright Commission, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e do Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), denominado Seminário de Ensino e Pesquisas em Sítios Cerâmicos (Alves 2002a).

O Seminário contou com a presença de professores universitários e de pesquisadores vinculados a museus procedentes de sete estados da federação¹.

1 Os coordenadores foram: Clifford Evans e Betty Meggers – Smithsonian Institution; e os participantes foram os seguintes: Mário F. Simões (Museu Goeldi, Belém/PA); Nassaro A. de Souza Nasser (Universidade do Rio Grande do Norte); Pe. Valentin Calderón (Universidade da Bahia); Maria Heloisa Fenelon Costa (Museu Nacional

Nele foi discutida a terminologia a ser empregada na análise arqueológica, devido à falta de uniformidade dos termos classificatórios, cujo resultado foi a elaboração de um glossário em forma de verbetes, redigidos por Walter F. Piazza, tendo como exemplos os “glossários” elaborados por Gordon R. Willey e Irving Rouse (Willey & Rouse 1946: 773 ss) e de Anna O. Shepard (Shepard 1968: 365 ss) (Chmyz 1966: 5), o qual antes de ser publicado pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná, intitulado *Cadernos de Arqueologia – Ano I: terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*, foi encaminhado a vários docentes pesquisadores do país².

No ano de 1969 a 2ª parte do glossário *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*, elaborada pelos participantes do seminário de 1964, contou também com a colaboração de Sílvia Maranca (Museu Paulista) e de Celso Perota (Universidade Federal do Espírito Santo) foi publicada pelo Cepa, série *Manuais de Arqueologia* (Chmyz 1976: 120).

Pela terceira e última vez em 1970, novos termos foram discutidos e revistos; contou com a colaboração de Pedro A. Mentz Ribeiro (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul/RS), alguns já elaborados, publicados na 2ª edição, por ocasião da realização do terceiro seminário do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas

do Rio de Janeiro); Ondemar Ferreira Dias Júnior (Instituto de Arqueologia Brasileira); Fernando Altenfelder Silva (Faculdade de Filosofia de Rio Claro/SP); Ghislene Celasquez Hudziak (Museu Paranaense, Curitiba); Igor Chmyz (Universidade do Paraná); José Wilson Rauth (Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá/PR); Pe. João Alfredo Rohr SJ (Museu do Homem do Sambaqui, Florianópolis) e Walter F. Piazza (Faculdade de Filosofia, Universidade de Santa Catarina) (Chmyz 1966: 5-6).

2 A terminologia foi apreciada pelos seguintes pesquisadores: Luiz de Castro Faria (Museu Nacional, Rio de Janeiro); Maria da Conceição de M.C. Becker (depois Beltrão) (Museu Nacional, Rio de Janeiro); Herbert Baldus (Museu Paulista, São Paulo); Paulo Duarte (Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo); Oldemar Blasi (Museu Paranaense, Curitiba); Pe. Pedro Inácio Schmitz S.J. (Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre); José Proenza Brochado (Universidade Rio Grande do Sul, Porto Alegre); Eurico Miller (Taquara/RS) (Chmyz 1966: 6).

(PRONAPA), que ocorreu na cidade de Lima e publicados na 3ª edição de 1976 (Chmyz 1976: 121).

O PRONAPA³, o qual vigorou de 1965 até 1970/72, englobou todos os participantes do seminário para desenvolver pesquisas extensivas em várias regiões do país, em forma fundamentalmente de surveys e da execução, se necessário, de algumas sondagens, e foi realizado por arqueólogos brasileiros, sob a coordenação de Meggers e Evans.

O PRONAPA teve como objetivo central mapear a arqueologia pré-histórica brasileira para reconstruir sua evolução e desenvolvimento cultural, a cronologia associada às sequências culturais regionais e estabelecer as diferenciações de unidades culturais e de rotas migratórias no continente sul-americano (Alves 2013b).

Em mais de cinco anos de realização de pesquisas de campo em vales de extensos rios, centenas de sítios arqueológicos foram identificados, mapeados e registrados junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, os quais coletaram nas superfícies dos assentamentos quantidades significativas de cerâmica e, em menores proporções, líticos.

As classificações taxonômicas em cerâmica arqueológica foram feitas, em primeiro momento, pelos arqueólogos membros atuantes do PRONAPA, empregando os conceitos de “tradição” e “fase” arqueológicas.

Para a apresentação dos dados classificatórios regionais foram organizados três Seminários entre os anos de 1966 a 1972. O primeiro seminário foi realizado em Mar del Plata, Argentina, no final de 1966, junto ao XXXVI Congresso Internacional de Americanistas; o segundo, em Belém/PA, em meados de 1968 e o terceiro (e último) em Lima, Peru, em meados de 1970 no transcurso do XXXIX Congresso Internacional de Americanistas; foi encerrado em Washington em 1972 (Chmyz 1972 apud Alves 2002a).

3 O PRONAPA foi financiado pelo Smithsonian Institution, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e teve apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Os dados arqueológicos obtidos em cinco anos de pesquisas foram publicados em forma de cinco relatórios na série Publicações avulsas do Museu Emílio Goeldi (Calderón 1969, 1971, 1974) (Alves 2002a).

As tradições Aratu-Sapucaí e Neobrasileira e os contextos arqueológicos dos assentamentos do Vale do Paranaíba/MG e do Sítio Água Limpa/SP

A Tradição Aratu-Sapucaí foi formulada durante e em decorrência da PRONAPA. Surgiu da junção das tradições ceramistas Aratu (elaborada pelo jesuíta Valentin Calderón em pesquisas desenvolvidas no recôncavo, litoral Norte e Sul do estado da Bahia) (Calderón 1969, 1971, 1974) e Sapucaí (formulada por Ondemar F. Dias Júnior em pesquisas realizadas na bacia do rio Grande represada por Furnas, em 1968 e em 1970 no entorno da represa de Peixoto e no alto curso do rio Sapucaí, na região Sul do estado de Minas Gerais) (Dias Júnior, 1971a, 1974, 1976), no âmbito do Seminário Goiano de Arqueologia, ocorrido no Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, de 24 a 29 de março de 1980, na cidade de Goiânia (Schmitz 1978-1980).

A Tradição Aratu é constituída por 2 fases:

Fase Aratu: formada por:

- 29 sítios a céu aberto;
- Sítios extensos com manchas de terra preta agrupadas;
- Urnas funerárias periformes com tampas “opérculos”, com enterramentos primários, com grafite e tempero (algumas com rodela de fuso);
- Vasilhames globulares e esféricos e lâminas de machado polido;
- Bordas diretas;
- Tigelas rasas (semelhantes a pratos), bem alisadas, sem pintura e decoração plástica;
- Algumas tigelas com bordas onduladas;
- Técnica acordelada de montagem do artefato cerâmico;
- Datações absolutas: Sítio Guipe – 870 ± 90 anos A.D.;
- Sítio Beliscão – 1.360 ± 40 anos A.D.

Fase Itanhém: formada por cinco sítios a céu aberto, com os seguintes elementos diagnósticos:

- Sepultamentos primários dentro de urnas periformes, com tampa, com aplicação de decoração corrugada ondulada na boca, com emprego de tigelas para tampar as urnas;
- Vasilhames globulares;
- Manchas escuras distribuídas circularmente menores, que as da fase Aratu.

A fase Itanhém é idêntica à fase Itaúnas, descobertas por Celso Perota no estado do Espírito Santo, também denominada de Itaúnas por Calderón de comum acordo com Perota (Calderón 1974).

A Tradição Sapucaí é constituída por 4 fases:

Fase Sapucaí⁴: formada por sete sítios a céu aberto, assentamentos em elevações suaves, sítios pequenos (menores) vales dos rios Sapucaí e Grande com:

- Técnica acordelada;
 - Emprego de tempero (quartzo, feldspato, mica, hematita);
 - Ocorrência de roletes fragmentados;
 - Grandes urnas periformes;
 - Aplicação de banho vermelho, estriado e inciso em algumas urnas;
 - Não foi realizada a classificação das formas cerâmicas.
- Fase Jaraguá: formada por quatro sítios, com:
- Detecção de habitação semissubterrânea (primeira detectada no estado de Minas Gerais) e de coleta de carvão – datação sítio MO-GV-19-855 anos e 1095A.D. – anos, sítio localizado no município de Nepomuceno;
 - Cerâmica com tempero (quartzo, feldspato, mica, hematita);
 - Técnica acordelada;

4 Fase Itaci: formada por nove sítios a céu aberto detectadas pelas pesquisas desenvolvidas em 1968/69: em afluentes dos rios Verde e Grande com os seguintes diagnósticos: tempero; queima com oxidação incompleta; banho vermelho, incisões em linhas e estriado. Um sítio dentre os nove corresponde a um assentamento Tupiguarani (Dias Júnior 1971). Na reunião final do PRONAPA, ocorrida em agosto de 1972, em Washington, ocorreu a manipulação de todos os dados arqueológicos e a fase Itaci foi agrupada à Sapucaí (Dias Júnior 1975).

- Quina redutora (coloração escura);
- 5% da coleção cerâmica tem aplicação de engobo e banho vermelho + estriado;
- Formas globulares.

Fase Ibiraci: formada por cinco sítios pequenos a céu aberto, depositados em encostas suaves, margem esquerda do rio Grande e da represa de Peixotos, com:

- Tempero hematita (predominante);
- Vasos globulares de boca constricta;
- Tigelas de paredes retas.

Fase Paraoeaba: formada por nove sítios pequenos a céu aberto, localizados nos municípios de Paraoeaba e Papagaios com cerâmica com tempero (Dias Júnior 1971a).

Em 1974, Ondemar Dias retornou ao Sul de Minas e, em terrenos do município de Helói Mendes, registrou um sepultamento secundário em urna com acompanhamentos funerários: lâmina de machado, dentro da urna pequenos vasilhames no entorno dela (Dias Júnior 1975).

As grandes semelhanças entre a Aratu e a Sapucaí referem-se:

- Ao padrão de assentamentos a céu aberto, em relevo de vertentes;
- Sepultamentos em urnas periformes, com tampa, primários na Aratu, e secundário, na Sapucaí;
- Aldeias circulares e semicirculares compostas por manchas de terra escura resultantes da decomposição das habitações indígenas, constituídas por troncos de madeira com cobertura de materiais vegetais;
- Emprego da técnica acordelada na confecção do artefato cerâmico;
- Ausência do polimento no tratamento das superfícies cerâmicas;
- Ocorrência de fuso (Aratu).

Entretanto, possuem diferenças quanto aos tratamentos das superfícies cerâmicas e, às técnicas de preparo da pasta, com emprego de temperos diferentes, (rochas e minerais).

Com relação ao ambiente a Aratu foi detectada no bioma de Mata Atlântica (assentamentos nas margens de mangues e no topo de pequenas colinas) e a Sapucaí, no campo limpo e na floresta latifoliada (assentamentos em relevo de vertentes). O bioma do extremo Oeste de Minas Gerais é o do Cerrado.

Nas pesquisas desenvolvidas no vale do Paranaíba, margem mineira, pelo projeto Quebra Anzol, área ocupada pelos Kayapó meridionais até início e meados do século XX, os parâmetros acima indicados da Tradição Aratu-Sapucaí, são recorrentes quanto:

- Escolha do espaço para instalação do assentamento: a céu aberto depositado a meia encosta de vertentes e em interflúvios;
- Ocorrência de manchas (ou de terra preta), escuras agrupadas correspondentes aos espaços habitacionais de aldeamentos semi-circulares, com um pátio central, sítios pequenos a medianos, exceto o Sítio Rezende, que tem grandes extensões;
- Enterramentos primários, em posição fetal, dentro de urnas periformes com tampa: até o presente (abril de 2017 foram exumadas cinco urnas funerárias periformes, em sítios localizados nos municípios de Perdizes e Guimarães (Fig. 3 e 4);
- Emprego da técnica acordelada na confecção de vasilhames cerâmicos;
- Ausência do polimento nas superfícies cerâmicas;
- Ocorrência de formas globulares e esféricas;
- Tigelas meia calota;
- Queima oxidante;
- Queima redutora;
- Fusos (Alves 2002a, 2009, 2013a).



Fig. 3. Urna para armazenamento de grãos e sementes.



Fig. 4. Urnas periformes com sepultamentos primários em posição fetal.

Entretanto, existem elementos diagnósticos na cerâmica do extremo Oeste de Minas Gerais (Vale do Paranaíba) que divergem, ou seja, que diferem da Tradição Aratu-Sapucaí, assim:

- Não há ocorrência do tempero, comprovado pela confecção de lâminas ceramográficas de amostras de cerâmica, dos sítios escavados (Alves 1982, 1988; Alves & Girardi 1989);
- Não há aplicação de banho e de engobo branco e vermelho, na cerâmica, comprovada por difração de raios X e por microscopia eletrônica de varredura (Alves 1988);

- Não há detecção de sepultamentos secundários;
- Evidenciação de duas urnas silos, uma em terrenos do município de Perdizes e a outra, no de Pedrinópolis;
- Datações absolutas de 1.200 anos A.P. a 400 anos A.P.; por carbono 14 e por termoluminescência.

Um dado extremamente importante refere-se à evidenciação de um sepultamento primário de indivíduo adulto, diretamente na terra, com membros superiores e inferiores fletidos, em decúbito lateral esquerdo no Sítio Rezende (Fig. 5).



Fig. 5. Sepultamento primário direto na terra no Sítio Rezende.

Os elementos diagnósticos cerâmicos comuns aos sítios escavados e prospectados no Vale do Paranaíba/MG, em área ocupada pelos Kayapó meridionais até início e meados do século XX, são os seguintes:

- Urnas periformes de enterramentos primários em posição fetal e urnas silo (para armazenamento de grãos e sementes);
- Vasos geminados;
- Rodelas de fusos;
- Cuscuzeiros;
- Vasilhames globulares ou esféricos, com e sem pescoço constricto, elipsoides, ovóides, com e sem pescoço constricto, ovóides com borda direta, cônicos com borda extrovertida, semiesféricos, trapezoidais (Alves 2009);
- Ausência de polimento nas superfícies cerâmicas;
- Padrão de assentamento em relevo de vertentes;
- Ausência de tempero na pasta cerâmica (Alves 2009).

Nas pesquisas realizadas no sítio Água Limpa, município de Monte Alto/SP, no âmbito do projeto Turvo, o bioma é de cerrado desmatado, que resultou na formação da floresta estacional semidecidual (ou floresta tropical subcaducifolia), (Velloso; Rangel Filho; Lima 1991). Região ocupada pelos Kaingang até fins século XIX e início do século XX. Os elementos diagnósticos da Tradição Aratu-Sapucaí, em sua maioria, diferem e divergem dos identificados, evidenciados, coletados e exumados do Sítio Água Limpa, que são os seguintes:

- Grande assentamento da zona 2, de forma semirretangular, de terra escura, de grandes dimensões, cujas datações vão de 890 ± 90 anos A.P. a 335 ± 35 anos A.P. (Fig. 6);
- Coleta de expressiva documentação faunística e malacológica as quais propiciaram a identificação de 22 espécies de mamíferos (cuica, gambá, tatu-galinha, tatu-do-rabo-mole, tatu-peba, macaco-prego, ratos do mato, porco-espinho, preá, cotia, lebre/tapiti, cachorro-do-mato, mão pelada, quati/coati, irara, gato-do-mato, jaguatirica, queixada, porco-do-mato, cateto, veado

- e anta), de três espécies de répteis (teiú, jiboia e sucuri), de três espécies de conchas (bivaldes dulcaquícolas, gastrópodes terrestres e exoesqueleto quitinoso de crustáceos) além de peixes de água doce (Alves & Calleffo 1996, 2000);
- Reconstituição das atividades sociais de caça, coleta e de pesca (em menor escala) (Alves & Calleffo 1996, 2000);
- Coleta de macaco-prego sem marcas que fraturas, possivelmente representava algum símbolo da cosmovisão ou ritual do grupo;
- Ausência da morfologia periforme na cerâmica;
- Ausência de urnas silos;
- Não ocorrência de tempero na pasta cerâmica;
- Ocorrência da pintura monocromática, em vermelho, sobre engobo da mesma cor (Alves 2009; Bélo 2007; Fernandes 2001a);
- Ocorrência do polimento nas superfícies cerâmicas;
- Ocorrência da brunidura (Alves 2009; Bélo 2007);
- Identificação de uma área de sepultamentos primários de indivíduos adultos enterrados diretamente na terra, com e sem acompanhamentos funerários, no perímetro da aldeia, mas fora dos espaços habitacionais (Alves et al. 2001; Alves & Cheuiche-Machado 1995, 1996). (Fig. 7).



Fig. 6. Assentamentos das zonas 1 e 2 do Sítio Água Limpa.



Fig. 7. Sepultamentos primários diretamente na terra e enterramento secundário dentro de urna esférica.

As questões de singularidade dos padrões de enterramentos humanos do Sítio Água Limpa, região Centro-Norte do estado de São Paulo, da ausência da forma periforme e da ocorrência da pintura monocromática em vermelho foram objeto central da dissertação de mestrado de Suzana Cesar Gouveia Fernandes, em 2001, que resultou em uma profunda reflexão sobre as características diagnósticas da Tradição Aratu-Sapucaí e o sítio em questão (Fernandes 2001a, 2001b, 2001c).

Os elementos diagnósticos do Sítio Água Limpa que convergem com a Tradição Aratu-Sapucaí são os seguintes:

- Enterramentos secundários (dois) dentro de urnas esféricas destampadas (Sapucaí);
- Formas cerâmicas esféricas, globulares, semiesféricas, ovoides, cônicas e trapezoidais;
- Tigelas meio calotas;
- Fusos;
- Queimas oxidante e redutora.

Os elementos cerâmicos do Sítio Água Limpa que convergem com os do Vale do Paranaíba, extremo Oeste de Minas Gerais, são os seguintes:

- Padrão de assentamento em relevo de vertente;

- Vasos geminados;
- Rodelas de fusos;
- Cuscuzeiros
- Vasilhames com formas esféricas, semiesféricas, globulares, ovoides, trapezoidais;
- Ausência de tempero na pasta cerâmica (Alves 2009).

Quanto à Tradição Neobrasileira⁵, elaborada por Ondemar F. Dias Júnior (Dias Júnior 1988), ela foi centrada nas fases Parati e Calandu, sendo esta última incorporada à fase Parati (Dias Júnior 1971b), no período do PRONAPA.

Esta Tradição foi identificada em pesquisas de resgate arqueológico, patrocinadas pela Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), em dois sítios em área a ser alagada pela Usina Hidrelétrica (UHE) Nova Ponte, centradas em coletas de superfície e em cortes estratigráficos, coordenadas por Igor Schmyz, sob a tutela do Cepa-UFPR, em 1995.

Nesta pesquisa de salvamento arqueológico, o seu coordenador, professor Chmyz e equipe do Cepa, identificaram além da Tradição

5 A Tradição Neobrasileira foi detectada em pesquisas desenvolvidas nos estados do RJ, RS, PR e ES.

Neobrasileira (detectada em dois sítios), mais duas tradições: a Aratu-Sapucaí (em 25 sítios) e a Tupiguarani (em dois sítios) todos a céu aberto (Cepa-UFPR, 1995).

Na 3ª edição da Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica, de 1926, surge a conceituação da Tradição Neobrasileira, ou seja:

[Tradição Neobrasileira é] uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnósticas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas e em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras. (Chmyz 1976: 145)

Dias Júnior indica em uma publicação de 1971 (Dias Júnior 1971b), as características diagnósticas da Tradição Neobrasileira, pela fase Parati⁶, que são as seguintes:

- Pasta cerâmica fina;
- Temperos finos compostos pelo predomínio de quartzo; e secundariamente, por grãos de feldspato, hematita, e laminulas de mica;
- Técnica acordelada de confecção do vasilhame cerâmico;
- Queima predominante é a redutora, com tons cinza e preto;
- Alisamento das superfícies;
- Polimento é raro e quando ocorre é identificado como decoração – como polido estriado;
- Ocorrência de decoração plástica: corrugada, ungulada, escovada;
- Padrões do inciso, considerado elemento diferencial de decoração;
- Decoração ocorrência na parte superior dos vasilhames e nas faces externas;
- Ocorrência de apliques: asas horizontais;
- Vasos de corpo redondo com estreitamento do pescoço;

- Vasos cônicos são raros;
- Ocorrência tampas, pratos e bases (fundos) suavemente arredondados e planos e raramente têm pés e pedestais;
- Discos perfurados (pesos para redes);
- Portuaes de fusos (Dias Júnior 1988: 8-11).

Wagner Magalhães em sua dissertação de mestrado (Magalhães 2015) junto ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do MAE-USP, delimitou e escavou parte da zona 2 do Sítio Inhazinha, realizou perfis sedimentológicos nas fontes argilosas próximas aos Sítios Inhazinha e Rodrigues Furtado, ambos localizados no Vale do Paranaíba, no município de Perdizes, estado de Minas Gerais; pesquisas realizadas no âmbito do Projeto Quebra Anzol.

Nesta pesquisa, Magalhães realizou análises tecnopológicas na documentação cerâmica e lítica coletadas pelo método etnográfico de superfícies amplas, com o emprego da técnica de decapagens por níveis naturais, de Leroi-Gourhan (1943, 1945, 1950) adaptado ao solo tropical do Brasil por Pallestrini (1975). Além das análises tecnopológicas foram desenvolvidas análises físico-químicas nas amostras das fontes argilosas e análises mineralógicas no material cerâmico, nas argilas das fontes argilosas, análises atômica co-nucleares, análise microtopográfica da superfície cerâmica e análises de arqueomagnetismo ambiental (Magalhães 2015).

Na zona 2 do Sítio Inhazinha foi escavado um forno de queima de cerâmica, denominado Forno 1, depositado juntamente com mais dois fornos, em um barranco, que até há seis anos estava encoberto pelas águas da UHE-Nova Ponte. Este barranco, com os três fornos, tem uma extensão de 10 metros de comprimento, com altura entre 1.79 a 3.27 m (Magalhães 2015: 159). Sobre o Forno 1 havia muitos fragmentos de cerâmica com incisões, apliques⁷ e com bases planas na superfície, carvão vegetal e terra queimada (Figs. 8 e 9).

6 A Tradição Neobrasileira foi detectada por Celso Perota no estado do Espírito Santo, pela fase Moenda (Perota 1971).

7 Uma novidade para a região arqueológica, foram encontradas cerâmicas com decorações plásticas.



Fig. 8. Fornos da zona 2 do Sítio Inhazinha.
Fonte: Magalhães (2015).



Fig. 9. Cerâmicas com incisões apliques e bases planas.
Fonte: Magalhães (2015).

Decidiu-se escavar o Forno 1 pela quantidade e diversidade dos vestígios arqueológicos nele depositado. A escavação evidenciou o forno com vários crivos, cerâmica plástica (incisões e apliques), e com bases planas, carvão vegetal e terra queimada,

ossos de animais também queimados e muito carvão vegetal. Na superfície e nas decapagens realizadas no Forno 1 foram coletados fragmentos de cerâmica com a repetição de um traço, uma marca, extremamente recorrente, representada por 3 faixas de incisões dispostas

em linhas verticais e horizontais, possivelmente indicativo de etnicidade do grupo indígena. Os carvões foram encaminhados para datações por C14 no Brasil (Cena-USP) e EUA (Beta) as quais resultaram nas datações de fins século XVIII, início a meados do século XIX, ou seja:

- Sítio Inhazinha – zona 2:
 - 212 ± 19 anos A.P. (Cena-USP);
 - 190 ± 30 anos A.P. (Beta/EUA);
 - 150 ± 30 anos A.P. (Beta/EUA).
- (MAGALHÃES, 2015, p. 122).

Em um primeiro momento, pensou-se que a cerâmica encontrada no Forno 1 com apliques, incisões, bases planas e possível “marca tribal” pertencesse à Tradição Neobrasileira, formulada por Ondemar F. Dias Júnior; pela fase Parati (Dias Júnior 1971a, 1988), detectada no estado do Espírito Santo por Celso Perota; e pela fase Moenda (Perota 1971), fases identificadas no período de vigência do PRONAPA. A Tradição Neobrasileira foi detectada no Vale do Paranaíba, margem mineira, pela pesquisa de resgate arqueológico desenvolvida por Igor Chmyz, filho e equipe, na área a ser atingida pelas águas da UHE-Nova Ponte, custeada pela Cemig e executada pela Leme Engenharia S/A. (Cemig 1995).

Entretanto, Magalhães identificou e comprovou a continuidade de “gestos” e “técnicas” quando ao preparo da pasta argilosa (sem tempero) para a montagem do artefato cerâmico, pela confecção de seções delgadas ou lâminas ceramográficas de cerâmica arqueológica, via análises granulométrica e mineralógica; do emprego somente da técnica acordelada de confecção do vasilhame cerâmico, da ausência de aplicação de banho, de engobo e de pintura nas superfícies cerâmicas, e da permanência do alisamento além da manutenção de formas tradicionais de cerâmica as superfícies cerâmicas (Magalhães 2015).

Magalhães identificou e comprovou mudança nas formas de vasilhames cerâmicos, com a confecção de tigelas e vasos com bases planas, resultante do contato com as frentes colonizadoras do Triângulo Mineiro que, até o século XVIII, era área de passagem para as minas de Goiás e de Mato Grosso. (Lourenço 2005; Magalhães 2015).

Magalhães também analisou a recorrência do “traço” com incisões homogêneas em três faixas horizontais ou verticais, como indicador de etnicidade, como possível “marca étnica” dos Kayapó Meridionais pelas fontes etnográficas, etno-históricas e históricas, em uma época que este povo indígena estava em guerra com as forças militares da administração colonial no século XVIII, com as do primeiro império, do período regencial e com os fazendeiros geralistas do século XIX (Ataídes 1991; Barbosa 1918; D’Alincourt 1976; Giralдин 1997; Lima & Mori 2012; Lourenço 2005, 2010; Mano 2010, 2011; Magalhães 2015; Saint-Hilaire 1975; Sousa, 1849; Turner 1992).

Considerações finais

A formulação das Tradições Arqueológicas Líticas, (grupos de caçadores-coletores e ceramistas (grupos de agricultores/horticultores ceramistas) pelo PRONAPA⁸, foi centrada no método quantitativo de seriação de Ford (1962), no paradigma histórico culturalista e estruturada nos conceitos de “tradição”, “fase” e “horizonte” arqueológicos de Phillip Phillips & Gordon Willey (1953).

O PRONAPA desenvolveu pesquisas extensivas centradas em surveys com coletas superficiais de vestígios, principalmente de cerâmica, execução de sondagens e de cortes estratigráficos em menor escala, em várias regiões do Brasil, exceto no Nordeste. Elaborou um mapa arqueológico do país dividindo-o em duas áreas de complexos cerâmicos: Bacia Amazônica e Faixa Costeira (Alves 1991).

Elaborou também “elementos diagnósticos”, também denominados de “fósseis-guia”, indicadores de cada Tradição estabelecida; onde os complexos arqueológicos (cerâmicos ou líticos) são analisados pelos conceitos de “tradição”, “subtradição”, “fase” e “horizonte” arqueológicos em níveis espacial,

8 Financiada pelo Smithsonian Institution e pelo CNPq com apoio do Iphan, coordenado por Betty Meggers e Clifford Evans, vigente entre 1965/70/71/72, teve como base de apoio institucional o Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém/PA.

temporal e cultural voltados para a persistência de elementos tecnológicos, desvinculados dos aspectos históricos, com a finalidade de elaborar taxonomia arqueológica.

A seriação fordiana, ou seja, o método de análise arqueológica centra-se na padronização tipológica, em perfil tecnológico, pela recorrência de elementos diagnósticos e, fundamentalmente, na similaridade artefactual, fatores que geraram e geram distanciamento e desconexão das realidades socioculturais, cosmovisões, rituais, mitos, modos de vida dos povos indígenas já extintos pelo processo de colonização europeu nas três Américas.

Assim, a elaboração de tradições, subtradições e fases arqueológicas são construções artificiais, centradas no método taxonômico e desvinculadas das culturas ceramistas indígenas de povos dos troncos linguísticos Macro-Jê, Arawak, Karib e Tupi-Guarani no Brasil antes do Brasil, pois as pesquisas empíricas de campo desenvolvidas pelo PRONAPA e pelos seus seguidores sob a égide das tradições, na análise dos vestígios cerâmicos e líticos coletados, não têm a preocupação de conectá-las com a cultura material das populações indígenas pré-coloniais e nem com os seus modos de vida, suas cosmovisões e seus mitos e ritos.

O método taxonômico de produção de conhecimento em Arqueologia, desvinculado de contextos históricos, explica a não preocupação e o distanciamento dos arqueólogos processualistas em não analisarem os elementos heterogêneos que ocorrem na cultura material, em padrões de subsistência e de enterramentos – quer primários e/ou secundários; ou seja, o que não apresenta similaridade é deixado de lado.

Neste contexto de produção de conhecimento é importante ressaltar a questão do distanciamento dos pronapiianos em não procurarem conhecer a cultura material de povos indígenas extintos do Brasil para estabelecer conexões com os vestígios – materiais que estão sendo ou que serão coletados pelos arqueólogos em pesquisas de campo.

As questões levantadas neste paper sobre as tradições Aratu-Sapucaí e o Neobrasileira e as especificidades da cultura material cerâmica

e padrões de sepultamento de dois povos Jê: os Kayapó meridionais do Vale do Parnaíba e os Kaingang na região Centro-Norte de São Paulo, que não se encaixam e parcialmente se encaixam no contexto de produção de conhecimento da arqueologia pronapiiana, são:

- Kayapó meridionais: dois padrões de sepultamentos primários com predomínio do enterramento em posição fetal dentro da urna periforme;
- Ocorrência de estocagem de alimentos em grandes urnas: silo/periformes.
- Kaingang de São Paulo: predomínio de enterramento primário diretamente na terra, com e sem acompanhamentos funerários, e com ritos de sepultamento de acordo com o sexo e a idade do morto;
- Ocorrência, em menor escala, de sepultamento secundário dentro de urnas esféricas, destampadas;
- Ausência da forma periforme e de grandes urnas-silo;
- Ocorrência de pintura monocromática na cor vermelha em vasilhames para uso específico, possivelmente para o universo simbólico.

Finalmente, note-se a desconstrução da Tradição Neobrasileira para os assentamentos do Vale do Parnaíba, cujas incisões e apliques estão vinculados a uma afirmação étnica diante da guerra com as forças militares de ocupação e colonização no extremo Oeste de Minas Gerais no século XVIII (Giraldin 1997).

Pesquisas acadêmicas de etnologia no Brasil dos últimos 15 anos têm identificado e analisado a cultura material cerâmica vinculada ao modo de vida, gênero, organização social, mitos, ritos e à cosmovisão de povos indígenas, as quais são voltadas para a totalidade social.

Neste sentido, destacam-se as teses de doutorado de Maria Paulina A.A. Van de Wiel de Barros (2004), Sandra Lacerda Campos (2007) e de Jean Jacques Armand Vidal (2017).

Estabelecer as conexões entre a cultura material contextualizada e coletada por pesquisas sistemáticas com os aspectos socioculturais e simbólicos de povos indígenas extintos é o grande desafio da Arqueologia praticada no país.

ALVES, M.A. Ceramist archaeological traditions of two Jê indigenous peoples: southern Kayapó, and Kaingang from central northern region of São Paulo. *R. Museu Arq. Etn.* 31: 1-21, 2018.

Abstract: This paper addresses the issue of cultural homogenization of the Aratu-Sapucaí and Neobrazilian ceramic traditions. That homogenization is related to the variability of the burial patterns, forms and incised decoration of ceramic vases from archaeological contexts observed by academic projects carried out on regions occupied by people from the Macro-Jê language branch: Southern Kayapó in the far west of Minas Gerais, and Kaingang in the central northern region of São Paulo.

Keywords: Aratu-Sapucaí tradition; Neobrazilian tradition; Kayapó meridional; Kaingang; Cultural frontier.

Referências bibliográficas

- Alves, M.A. 1982. *Estudo do Sítio Prado: um sítio lito-cerâmico colinar*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Alves, M.A. 1983. Estudo do Sítio Prado: um sítio lito-cerâmico. *Revista do Museu Paulista* 29: 169-199.
- Alves, M.A. 1988. *Análise cerâmica: estudo tecnopológico*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Alves, C. 1991. A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. *Clio, Série Arqueológica* 1: 11-88.
- Alves, M.A. 1992. As estruturas arqueológicas do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro, Minas Gerais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 2: 27-47.
- Alves, M.A. 1993. *Relatório da 1ª campanha de pesquisa campo realizada no sítio Água Limpa*. (Relatório final). CNA; Iphan, São Paulo.
- Alves, M.A. 1994a. *Relatório de salvamento arqueológico do Sítio ATM-691, 1ª campanha linha do Poliduto Replan-Brasília*. (Relatório final). Petrobras, Rio de Janeiro.
- Alves, M.A. 1994b. *Relatório da 2ª campanha de pesquisa de campo realizada no sítio Água Limpa*. (Relatório final). CNA; Iphan, São Paulo.
- Alves, M.A. 1995a. *Relatório de salvamento arqueológico do sítio ATM-691, 2ª campanha linha do Poliduto Replan-Brasília*. (Relatório final). Petrobras, Rio de Janeiro.
- Alves, M.A. 1995b. *Relatório de salvamento arqueológico do sítio ATM-691, 3ª campanha linha do Poliduto Replan-Brasília*. (Relatório final). Petrobras, Rio de Janeiro.
- Alves, M.A. 1996. *Relatório da 4ª campanha de pesquisa de campo realizada no sítio Água Limpa*. (Relatório final). CNA; Iphan, São Paulo.
- Alves, M.A. 2000. *Relatório da 5ª campanha de pesquisa de campo realizada no sítio Água Limpa*. (Relatório final). CNA; Iphan, São Paulo.
- Alves, M.A. 2002a. O Sítio Rezende: de acampamento de caçadores-coletores a aldeia ceramista pré-histórica. *Clio. Série Arqueológica* 15: 189-203.
- Alves, M.A. 2002b. Teorias, métodos, técnicas e avanços na arqueologia brasileira. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 2: 9-51

- Alves, M.A. 2003. Documentação cerâmica contextualizada e as diferenças de gêneros nos sepultamentos primários do sítio Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 3: 275-289
- Alves, M.A. 2004. Estratigrafia, estruturas arqueológicas e cronologia do sítio Água Limpa, Monte Alto, S.P. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 4: 283-324
- Alves, M.A. 2006. *Relatório da 6ª campanha de pesquisa de campo realizada no sítio Água Limpa*. (Relatório final). CNA; Iphan, São Paulo.
- Alves, M.A. 2009. *Assentamentos e cultura material indígena anteriores ao contato no Sertão da Farinha Podre, M.G. e Monte Alto, S.P.* Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Alves, M.A. 2013a. *Assentamentos e cultura material indígena anteriores ao contato*. Habilis Press, Erechim:
- Alves, M.A. 2013b. A Arqueologia no Extremo Oeste de Minas Gerais. *Revista Espinhaço* 2: 96-117.
- Alves, M.A. 2014. *Relatório da 7ª campanha de pesquisa de campo realizada no sítio Água Limpa*. (Relatório final). CNA; Iphan, São Paulo.
- Alves, M.A. 2016. Dinâmica sociocultural no Extremo Oeste de Minas Gerais, Brasil. In: *Anais do 8 Congresso de Teoria Arqueológica de América do Sul*, 2016 La Paz.
- Alves, M.A.; Girardi, V.A.V. 1989. A confecção de lâminas microscópicas e o estudo da pasta cerâmica. *Revista de Pré-História* 7: 150-162.
- Alves, M.A.; Cheuiche Machado, L. 1995. Estruturas arqueológicas e padrões de sepultamento do sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. In: *Anais da 8 Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1995, Porto Alegre.
- Alves, M.A.; Cheuiche Machado, L. 1996. Estruturas arqueológicas e padrões de sepultamento do sítio de Água Limpa, município de Monte Alto, São Paulo. In: *Anais da 8 Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1995, Porto Alegre.
- Alves, M.A.; Calleffo, M.E.V. 1996. Sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo: estruturas de combustão, restos alimentares e padrões de subsistência. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 6: 123-140.
- Alves, M.A.; Calleffo, M.E.V. 2000. Caça, coleta e pesca entre os horticultores-ceramistas de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. In: *Anais da 9 Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1997, Rio de Janeiro.
- Alves, M.A. et al. 2001. Horticultores-ceramistas do vale do Turvo, Monte Alto, São Paulo: padrão de assentamento, estratigrafia, cultura material e cronologia. In: *Anais da 11 Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 2001, Rio de Janeiro.
- Ataídes, J.M. 1991. *Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil central*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Barbosa, A. 1918. *Descrição dos índios Cayapós e Panarás: vocabulário e mapa da região ocupada pelos Caiapós*. (Documento datado – 2 set. 1918). Arquivo Público, Uberaba.
- Barros, M.P.A.A. Van de Wiel de. 2004. *A cerâmica figurativa temática dos índios Karajá*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Barros, A.S.A. 2016. *Os caçadores-coletores do médio vale de Paranaíba, Minas Gerais: estudo da cadeia operatória e sistema tecnológico do sítio ATM-691 Tupaciguara/MG. e análise comparativa com o sítio Rezende, Centralina/MG*. Memorial de qualificação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bélo, T.P. 2007. *Estudo tecnológico e das cadeias operatórias da cultura material lítica e cerâmica coletada nos anos de 1995, 1996 e 2000, no sítio Água Limpa, município de Monte Alto, S.P.*

Tradições arqueológicas ceramistas de dois povos jê: kayapó meridional e kaingang da região centro-norte de São Paulo
R. Museu Arq. Etn., 31: 1-21, 2018.

- Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Borelli, S.H.S. 1983. *Os Kaingang no estado de São Paulo: transfiguração e perplexidade cultural de uma etnia*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Borelli, S.H.S. 1984. Os kaingang no Estado de São Paulo: constantes históricas e violência deliberada. In: Monteiro, J.M. et al. (Orgs.). *Índios no estado de São Paulo: resistência e transfiguração*. Yankatu; Comissão Pró-Índio, São Paulo, 45-82.
- Calderón, V. 1969. A fase Aratu no recôncavo e litoral norte do estado da Bahia: resultados preliminares do terceiro ano de pesquisas: PRONAPA 3: 1967-1968. *Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi* 13: 161-171.
- Calderón, V. 1971. Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do estado da Bahia. Resultados preliminares do quarto ano de pesquisas: PRONAPA 4: 1968-1969. *Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi* 15: 163-177.
- Calderón, V. 1974. Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do Sul do estado da Bahia. Resultados preliminares do quinto ano de pesquisas: PRONAPA 5: 1969-1970. *Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi* 26: 141-156.
- Calleffo, M.E.V. 1999a. Vestígios zooarqueológicos no sítio Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. In: *Anais da 10 Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1999, Recife.
- Calleffo, M.E.V. 1999b. Vestígios hepertofaunísticos na dieta alimentar da população pré-histórica do Sítio Arqueológico de Água Limpa, Monte Alto, estado de São Paulo. In: *Anais do 5 Congresso Latino-Americano de Hepertologia*, 1999, Montevideo.
- Calleffo, M.E.V.; Bizerra, A.F. 1996. Identificação taxonômica dos ossos, placas dérmicas e conchas coletados no sítio Água Limpa. In: *Painel bilíngue: Português/Inglês*. Museu Municipal de Arqueologia, Monte Alto.
- Campos, S.M.C.T.L. 2007. *Bonecas Karajá: modelando inovações, transmitindo tradições*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Chmyz, I. (Ed.). 1966. *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Curitiba.
- Chmyz, I. (Ed.). 1969. *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. 2. ed. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Curitiba.
- Chmyz, I. (Ed.). 1976. *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. 3. ed. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Curitiba.
- Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig). 1995. *Programa de salvamento arqueológico – UHE – Nova Ponte* (Relatório final). Cepa-UFPR, Belo Horizonte.
- D'Alincourt, L. 1976. *Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá*. Martins Fontes, São Paulo.
- Dias Júnior, O.F. 1971a. Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais. Resultados preliminares do quarto ano de pesquisas: PRONAPA 4: 1968-1969. *Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi* 15: 133-148.
- Dias Júnior, O.F. 1971b. Fase Parati: apontamentos sobre uma fase cerâmica Neo-Brasileira. *Universitas: revista de cultura da Universidade Federal da Bahia* 8/9: 117-133.
- Dias Júnior, O.F. 1974. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas em Minas Gerais. Resultados preliminares do quinto ano de pesquisas: PRONAPA 5: 1969-1970. *Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi* 26: 105-116.
- Dias Júnior, O.F. 1975. Pesquisas arqueológicas no sudeste brasileiro. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Série Especial* 1: 3-17.
- Dias Júnior, O.F. 1976. Evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. *Anuário de Divulgação Científica*: 3/4: 110-130.

- Dias Júnior, O.F. 1988. A cerâmica Neo-Brasileira. In: Arqueo-IAB (Eds.). *Textos Avulsos 01*. Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 1-8.
- Fagundes, M. 2004a. *Sítio Rezende: das cadeias operatórias ao estilo tecnológico: um estudo de dinâmica cultural no médio vale do Paranaíba, Centralina, Minas Gerais*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fagundes, M. 2004b. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 4: 117-146.
- Fagundes, M. 2005. Recorrências e mudanças no sistema tecnológico do sítio Rezende, médio vale do Paranaíba, Minas Gerais: estudo de variabilidade estilística nos horizontes líticos dos caçadores-coletores e agricultores ceramistas. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 5: 163-206.
- Fagundes, M. 2006. Conjuntos artefatuais cerâmicos do sítio Rezende, Centralina, Minas Gerais: as escolhas culturais na pré-história. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 7: 147-185.
- Fernandes, S.C.G. 2001a. *Estudo tecnotipológico da cultura material das populações pré-históricas do vale do rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a Tradição Aratu-Sapucai*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fernandes, M. 2001b. Estudo tecnotipológico da cerâmica no sítio Água Limpa, Monte Alto, São Paulo e a Tradição Aratu-Sapucai. In: *Anais da 10 Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1999, Recife
- Fernandes, M. 2001c. Contribuição para os estudos da Tradição Aratu-Sapucai – estudo de caso: o sítio arqueológico de Água Lima, Monte Alto, São Paulo. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 1: 169-210.
- Fernandes, M. 2003. Captação de recursos naturais e indústria lítica de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 3: 151-164.
- Figueiredo, M.T. 2008. *Estudo da cultura lítica e cerâmica dos sítios Silva Serrote e Menezes: análise das cadeias operatórias dos vestígios de culturas pré-coloniais do Alto Paranaíba, Minas Gerais*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ford, J.A. 1962. *Método cuantitativo para establecer cronologias culturales*. (Manual técnico). Unión Panamericana, Washington.
- Giraldin, O. 1997. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central*. Ed. da Unicamp, Campinas.
- Gomes, D.M.C. 2002. *Cerâmica arqueológica da Amazônia*. Edusp, São Paulo.
- Leroi-Gourhan, A. 1943. *Evolution et technique I: l'homme et la matière*. A. Michel, Paris.
- Leroi-Gourhan, A. 1945. *Evolution et technique II: milieu et techniques*. A. Michel, Paris.
- Leroi-Gourhan, A. 1950. *Sur les méthodes de fouilles: les fouilles pré-historiques: technique et méthodes*. J. Picard, Paris.
- Lima, G.T.N.; Mori, R. 2002. Caiapós, Araxás, Bororos, Geralistas... conflitos revelados, identidades e memórias construídas no Sertão da Farina Podre nos séculos XVIII e XIX. *Cadernos de História* 17: 221-242.
- Lourenço, L.A.B. 2005. *A oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Lourenço, L.A.B. 2010. *O Triângulo Mineiro, do Império à República: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XX)*. Ed. UFU, Uberlândia.
- Magalhães, W. 2012. *Estudo arqueométrico do sítio arqueológico Água Limpa, município de*

Tradições arqueológicas ceramistas de dois povos jê: kayapó meridional e kaingang da região centro-norte de São Paulo
R. Museu Arq. Etn., 31: 1-21, 2018.

- Monte Alto, S.P.: *um olhar pedológico sobre o solo herdado*. Monografia de Especialização. Universidade de Santo Amaro, São Paulo.
- Magalhães, W. 2015. *Estudo arqueométrico dos sítios arqueológicos Inhazinha e Rodrigues Furtado, município de Perdizes/M.G.: da argila à cerâmica... possíveis conexões entre os vasilhames cerâmicos e as fontes argilosas*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mano, M. 2006. *Os campos de Araraquara: um estudo de história indígena no interior paulista*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Mano, M. 2010. *Metáforas históricas e realidades etnográficas: a construção de uma história do contato Kayapó no Triângulo Mineiro*. *Caderno de Pesquisas do CDHIS* 23: 325-348.
- Mano, M. 2011. *Contato, guerra e paz: problemas de tempo, mito e história*. *Política & Trabalho* 34: 193-212.
- Mauss, M. 1950. *Essai sur le don*. Press Universitaires de France, Paris.
- Medeiros, J.C. 2007. *Cultura material lítica e cerâmica das populações pré-coloniais dos sítios Inhazinha e Rodrigues Furtado do município de Perdizes, M.G.: estudo das cadeias operatórias*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Meggers, B. 1987. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Itatiaia, Belo Horizonte; Edusp, São Paulo.
- Mori, R. 2015. *Os aldeamentos indígenas no caminho dos Goiáses: guerra, etnogênese e identidade no "Sertão do Gentio Cayapó" (Sertão da Farinha Podre), Goiás (1748-1816) e Minas Gerais (1816-1840)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Neme, M. 1968. *Dados para a história dos índios caiapó*. *Anais do Museu Paulista* 22: 101-148.
- Pallestrini, L. 1975. *Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo*. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Perota, C. 1971. *Dados parciais sobre a arqueologia norte-espírito-santense*. *Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi* 15: 149-158.
- Phillips, P.; Willey, G.R. 1953. *Method and theory in American Archaeology: an operational basis for culture historical integration*. *American Anthropologist* 5: 615-633.
- Rasteiro, R.P. 2015. *Arqueologia Jê da bacia do rio Grande: história indígena no norte de São Paulo e Triângulo Mineiro*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ravagnani, O.M. 1987. *Aldeamentos goianos em 1750: os jesuítas e a mineração*. *Revista de Antropologia* 30/32: 111-132.
- Saint-Hilaire, A. 1975. *Viagem à província de Goiás*. Itatiaia, Belo Horizonte.
- Scatamacchia, M.C.M. 1996. *Relatório final de resgate arqueológico da área do Poliduto Replan-Brasília*. (Relatório final). Petrobras, Rio de Janeiro.
- Schmitz, P.I. (Ed.). [1978 a 1980]. *Os cultivadores do planalto e do litoral*. Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Shepard, A. 1968. *Ceramics for the archaeology*. 6. ed. Carnegie Institution of Washington, Washington.
- Sousa, L.A.S. 1849. *Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da capitania de Goyaz*. *Revista Trimestral de História e Geographia ou Journal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro* 12: 429-510.
- Steward, J.H. (Ed.). 1946. *Handbook of South American Indians*. 7 v. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology, New York.

Turner, T. 1992. Os Mebengokre Kayapó: história e mudança social de comunidades autônomas para a coexistência Interétnica. In: Cunha, M.C. *História dos índios no Brasil*. Campanha de Letras, São Paulo, 311-338.

Velloso, H.P.; Rangel Filho, A.L.R.; Lima, J.C.A. 1991. *Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema universal*. IBGE, Rio de Janeiro.

Vidal, J.-J.A. 2017. *Cerâmica dos Suruí de Rondônia e dos Asurini do Xingu: visões diferenciadas de dois povos indígenas da Amazônia*. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

Wiley, G.R.; Rouse, E.I. 1949. Glossary. In: Steward, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. Smithsonian Institution, Washington.